

1.º Congresso Docomomo Portugal  
Ensino, Reuso e Transformação da Arquitectura e da Cidade Modernas  
Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra  
20-21 de outubro de 2025

## **Habitar o Porto Moderno**

### **Movimentos quotidianos e intervenções pontuais pela salvaguarda do património arquitectónico do séc. XX**

#### **RESUMO**

*“Vejo com pena como os melhores edifícios do passado se estão a perder”, “lamento que a sua lição não esteja a iluminar a arquitectura do presente” e “, por isso, decidi escrever sobre este legado como forma de o salvar da extinção”, explica-nos Alberti no livro sexto do seu tratado.*

Se pensarmos na quantidade de conjuntos urbanos, edifícios e artefactos do movimento moderno que a cidade do Porto perdeu nos últimos 25 anos, não podemos deixar de pensar nas sábias palavras de Alberti e na sua grande actualidade, hoje.

A implosão da garagem Gerin (Carlos Paes), a destruição da casa Honório de Lima (Viana de Lima), ou as alterações ao edifício da União Eléctrica (Januário Godinho), constituem, a título de exemplo, um legado que apenas nos chega intermediado pela memória e pelas peças documentais que, assim, apesar da irremediável perda dos artefactos, inscrevem estas obras na História da Arquitectura da cidade.

Para evitar perdas maiores é urgente identificar e mapear o que resta desse legado e repensar as estratégias de reconversão e readaptação actuais, nos meios e nos fins, sob pena de deixarmos de poder contar com o testemunho deste recente, escasso, mas muito rico, património moderno.

O problema da salvaguarda do património, apesar de complexo, poderá ser sintetizado na convergência de três eixos de reflexão teórica e prática (a conservação, o restauro e o novo) e a preservação da arquitectura do movimento moderno não é, nesse sentido, muito diferente.

Em termos operativos, procuraremos dar a ver a convergência destas vias em três exemplos de apartamentos modernos na cidade do Porto (Pereira da Costa, Fernando Távora e autor desconhecido), a partir da experiência particular do habitar.

A *conservação* coloca-se, talvez, como o principal problema dos edifícios modernos e resulta da dificuldade, hoje agravada, no acesso a mão-de-obra especializada e a custos comportáveis, mas começa, desde logo, na escassa tradição *portuguesa* na manutenção dos edifícios.

A relação diária e íntima estabelecida com os edifícios será, por isso, um dos principais contributos para a sua salvaguarda, e decorre de movimentos quotidianos simples que compreendem o cuidar, como em qualquer relação.

O *restauro* afigura-se, cada vez mais, como uma necessidade. As inúmeras vantagens – económicas, estéticas, de sustentabilidade, patrimoniais, etc. – deviam ser suficientes para convencer todos os agentes da construção por intervenções não intrusivas, que visem a manutenção da materialidade, do âmago das soluções construtivas, do seu modo de manuseamento e funcionamento e da sua visão integrada no âmbito do sistema construtivo epocal de que fazem parte e que importaria manter.

Finalmente, quando a solução implica o *novo*, coloca-se a necessidade de acautelar, sempre, face às exigências do presente, a salvaguarda do preexistente, isto é, de nunca procurar, nem omitir o novo absolutamente necessário, nem o tornar omnipresente e indispensável aos usos actuais.

Habitar aqueles três apartamentos modernos, em momentos diferentes, contribuiu para uma efectiva reflexão prática que veio reforçar a teórica convergência destes três eixos. Importa, pois, escrever as pequenas histórias vividas em comum, delas retirar lições para iluminar a arquitectura do presente e, no limite, salvar os edifícios que cuidámos de uma expectável extinção.